vinetur

Adegas de Chipre entram na vindima com quarto ano consecutivo de escassez de uva

A seca, as vagas de calor e o míldio reduziram os volumes de uva, deixando os principais produtores com cerca de 50% da fruta de que precisam.

segunda-feira, 21 de setembro de 2026



O setor vitivinícola de Chipre entra na vindima deste ano sob forte □□□ , depois de uma combinação de seca, vagas de calor repetidas e um surto generalizado de míldio ter reduzido os volumes de uva e danificado vinhas em zonas vitícolas-chave, segundo responsáveis da agricultura e dirigentes de adegas.

Dados apresentados pelo Departamento da Agricultura mostram um declínio claro na receção de uvas pelas adegas ao longo dos últimos quatro anos. Giorgos Neophytou, chefe da Secção de Viticultura e Enologia do departamento, disse que a quantidade média entregue às adegas durante o período 2016-2025 foi de 14,5 milhões de quilos por ano. Acrescentou que o setor precisa geralmente entre 13 milhões e 16 milhões de quilos anuais para cobrir a procura do mercado e gerir os stocks a níveis operacionalmente viáveis.

Esse referencial tem sido falhado repetidamente nos últimos anos. A receção de uvas desceu para 10,2 milhões de quilos em 2023, subiu ligeiramente para 11,1 milhões de quilos em 2024 e atingiu 12,3 milhões de quilos em 2025, ainda abaixo do nível que o setor considera adequado. As estimativas para a vindima em curso apontam para mais um ano fraco, em níveis próximos dos registados em 2023 e 2024, disse Neophytou.

A descida segue-se a um ano muito diferente em 2022, quando a produção subiu para 22 milhões de quilos e obrigou o Estado a prestar apoio de emergência para lidar com o excesso de oferta. O padrão recente tem sido o oposto. As adegas de Chipre enfrentam agora um quarto ano consecutivo de receção limitada de uvas, com os principais produtores a afirmarem que estão a receber não mais do que 50% da uva de que realmente necessitam.

Dirigentes da LOEL e da KEO, duas das maiores adegas do país, descreveram a situação como especialmente grave nas zonas vitícolas de Pafos e Limassol, onde o míldio, combinado com condições meteorológicas adversas, destruiu a produção em بعضas localidades. Disseram que a escassez está a fazer subir os custos de produção e poderá obrigar as empresas a reduzir operações e cortar postos de trabalho se o apoio não for reforçado.

A pressão surge apesar do investimento de longo prazo no setor. Neophytou afirmou que Chipre tinha apenas quatro grandes adegas na década de 1980, contra cerca de 70 hoje. Disse que a qualidade do vinho cipriota é agora amplamente reconhecida. Ainda assim, a área de vinhas registadas situa-se em 65.000 stremmas e tem seguido uma trajetória gradual de descida desde que Chipre aderiu à União Europeia.

O mercado local continua a ser importante para a sobrevivência do setor. Neophytou disse que o vinho produzido localmente representa 60% do vinho vendido em Chipre, refletindo uma procura interna estável e a preferência dos consumidores por variedades autóctones. Mas uma forte quota de mercado não protegeu os produtores de problemas estruturais no meio rural. Responsáveis e produtores apontam para o envelhecimento da população rural, menos jovens a entrar na viticultura, o trabalho fisicamente exigente e rendimentos frequentemente baixos e incertos.

O ministro da Agricultura, Desenvolvimento Rural e Ambiente, Costas Kadis, afirmou que o apoio ao setor vitivinícola continua a ser uma prioridade do governo. Disse que foram atribuídos cerca de €22 milhões ao setor através de medidas da Política Agrícola Comum em vigor até 2027.

O governo está a utilizar dois canais para responder às perdas deste ano. Ao abrigo do quadro nacional de auxílios estatais, a compensação aplica-se a culturas que sofreram perdas de produção superiores a 50%. Um regime separado de minimis está disponível para variedades adicionais com perdas acima de 30%. O Departamento da Agricultura colocou 61 comunidades em Pafos no quadro nacional para as variedades de uva Mavro, Xynisteri, Maratheftiko e Vasilissa, juntamente com seis comunidades em Larnaca.

Um programa suplementar de minimis também abrange cinco variedades adicionais em Pafos e uma zona vitícola compacta de 2.500 stremmas em Omodos e nas áreas semimontanhosas de Limassol. As declarações de danos terminam na segunda-feira, e o governo afirmou que o apoio financeiro aos viticultores afetados deverá ser pago antes do final de 2026.

A crise atual é importante para além das próprias vinhas porque pode apertar a oferta de uva para as adegas, perturbar o planeamento da produção e pressionar os custos em todo o negócio do vinho. Se as vindimas fracas continuarem, os efeitos poderão estender-se aos distribuidores, retalhistas e outras empresas de bebidas ligadas à produção vinícola local, ao mesmo tempo que reforçam a necessidade de gestão do risco em vinhas mediterrânicas sujeitas a repetidos choques climáticos e fitossanitários.

Para os produtores, o problema imediato é sobreviver a mais uma campanha fraca. Para as adegas, a preocupação é saber se a ilha consegue manter uma produção estável depois de vários anos em que a matéria-prima ficou aquém das necessidades. O setor está agora a equilibrar a compensação de curto prazo com uma questão mais ampla sobre como Chipre pode proteger uma indústria do vinho que cresceu em dimensão e reputação, mas continua exposta a extremos meteorológicos e a doenças da videira.